

O “dicionário do povo” na linguagem e na metalinguagem de Camilo

João Paulo Braga¹

Resumo: Camilo Castelo Branco manifesta, em vários passos da sua obra ficcional, a admiração pelo falar do povo das províncias do norte. O contacto direto com as gentes de Trás-os-Montes e Minho constituiu, com efeito, uma das fontes principais da sua riquíssima formação linguística, aliada à leitura profícua dos clássicos portugueses. É nosso objetivo resenhar e analisar os comentários metalinguísticos dos narradores camilianos sobre termos e locuções populares, quer nas falas das personagens, quer no próprio discurso narrativo. Procuraremos, por outro lado, indagar sobre as motivações epocais e individuais que estão na base dessa defesa teórica e prática de Camilo relativamente à língua do povo.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco. Comentário metalinguístico. Linguagem popular. Romantismo. Realismo.

Abstract: Camilo Castelo Branco expresses, in several steps of his fictional work, his admiration for the speech of the people of the northern provinces of Portugal. His lasting contact with the people of Trás-os-Montes and Minho was, in fact, one of the main sources of his very rich linguistic training, combined with his fruitful reading of the Portuguese classics. It is our objective to review and analyze the metalinguistic comments of narrators on popular terms and phrases, both in the characters' speeches and in the narrative discourse itself. We will seek, on the other hand, to inquire about the epochal and individual motivations that underlie this theoretical and practical defense of Camilo in relation to the language of the people.

Keywords: Camilo Castelo Branco. Metalinguistic commentary. Popular language. Romanticism. Realism.

¹ Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal. E-mail: jpbragasilva@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-3354-6603

É sobejamente conhecido aquele passo de *A Cidade e as Serras* em que Zé Fernandes, na casa de Tormes, informa Jacinto acerca das moças casadoiras que viviam nos solares vizinhos, terminando assim a lista: “Temos também a D. Beatriz Veloso... Essa é bonita... Mas, menino, que horrivelmente bem falante! Fala como as heroínas do Camilo.” (QUEIROZ, 1901, p. 301).

Se é forçoso concordar com Zé Fernandes, admitindo que personagens há em Camilo Castelo Branco, sobretudo certas protagonistas femininas, que falam “horrivelmente bem”, naquelas tiradas que, empoladas de retórica sentimental, soam artificiais, para enfado do leitor atual, principalmente nas novelas passionais, não é o caso de muitas outras figuras femininas, geralmente personagens secundárias, mulheres do povo, “horrivelmente mal falantes”, virando ao contrário a expressão de Eça, mas com uma naturalidade e um realismo pitoresco que delicia o leitor. Uma dessas mulheres é personagem de *O Bem e o Mal*: a tia Brásia, a velha criada dos Militões. Exemplo da naturalidade da linguagem com que Camilo captou, nesse romance, este tipo popular é o lanço que se segue, quando, na cozinha, Brásia dialoga com Ladislau e Peregrina:

— Pois então! — continuou a serva, cortando do presunto uma boa talhada. — A vida de padre boa é; mas não queira o Senhor que o menino seja padre. O que é preciso é casar, sr. Ladislau. Deus que lhe deparou esta criatura, lá sabe por que o fez. Vamos; é casar depressa, que eu não quero morrer, sem ver gente miúda nesta casa. O menino fez-me cabelos brancos, quando era pequeno (que a falar verdade eu já não tinha cabelo preto nem para uma mezinha). Andava sempre a fugir prós campos, e eu a procurá-lo, e ia dar com ele a caçar grilos à torreira do sol: e de inverno andava sempre por essas fragas acima em risco de malhar aos fundões. Deu-me que fazer: mas é o mesmo: quero aturar também os seus filhos. Quando eu vim para cá, seu pai tinha cinco anos, e eu dez; se eu morrer, deixando cá um netinho dele, vou contente... Então não dizem nada? (CASTELO BRANCO, 1985, p. 30).

Como esta, muitas outras páginas da sua vasta produção literária nos mostram um certo comprazimento de Camilo em fazer ouvir a gente simples do povo que habita os universos ficcionais por si criados, os quais, na maior parte, se enraízam nos ambientes rurais de Trás-os-Montes e Minho, com um colorido, uma vivacidade, um “realismo rústico” (COELHO, 2001, p. 263) que o autor lhes soube imprimir, importando plebeísmos, regionalismos e até solecismos, como nos diálogos que compõem a comédia *O Lobisomem*, uma das primeiras obras, de que se deixa aqui esta amostra:

MARIANA — Vamos nós cantar, raparigas?
JOÃO DA EIRA — É melhor, é... (*para os da estúrdia*) Então esses instrumentos estão afinados?
UM DELES — Estão aqui, estão prontos [...].

VOZES — Aí vêm os encamisados...

JOÃO DA EIRA — São os rapazes de Escarei, querem vocês ver?! Deixá-los vir com bem... Ó rapaziada, eu não quero bulhas a troco de *questãs* na minha espadada... Deixem-nos brincar, e brinquem vocês também... (CASTELO BRANCO, 1988b, p. 561).

Camilo não se limitou, porém, a reproduzir o linguajar rústico com que torna verosímeis as suas personagens populares. Revelando espírito de observação e de análise, anota, comenta, qual lexicógrafo ou filólogo, as particularidades vocabulares e semânticas da linguagem do povo.

Voltando à tia Brásia de *O Bem e o Mal*, atente-se nesta fala com que ela recebe o padre João:

— Ah! Este é que é o Sr. Reverendo Vigário? Bem me tinham dito que era muito moço; mas isso não tira. Se a santidade fosse aquela dos velhos, então já eu estava no altar! Deite-me a sua bênção, Sr. Reverendo Vigário, e com Deus venha a esta casa donde saíram três santos só dos que conheci. Eu tenho dois carros de anos, aqui onde me vê, sãzinha e escorreita, bendita seja Nossa Senhora. (CASTELO BRANCO, 1985, p. 29).

Anotando em rodapé a expressão “Eu tenho dois carros de anos”, Camilo escreve:

Nas aldeias do norte desta nossa terra tão pitoresca de linguagem, algumas vezes perguntava eu quantos anos tinha tal velhinho, e não entendia esta resposta: “Já passa de dois carros.” Vim depois a saber que lá se contam os anos a quarenta por cada carro, por analogia com o carro de pão de quarenta alqueires. (CASTELO BRANCO, 1985, p. 29).

Muitos outros exemplos podemos respigar na vasta obra de Camilo desta sua propensão para tecer comentários metalinguísticos aos vocábulos ou expressões populares, captados no convívio com o povo do norte e apropriadamente postos na boca das personagens, já em notas marginais ao texto, em rodapé, já em pequenas digressões a formarem parêntesis com que tão habitualmente, por isto ou por aquilo, os narradores camilianos cortam o fio da narrativa.

Reproduzindo, na fala do velho Francisco Bragadas, da novela *Maria Moisés*, a mesma expressão de há pouco (“Velho sou eu que já tenho dois carros e mais um.”), Camilo esclarece em pé de página: “Nestas províncias do norte contam-se por carros de quarenta medidas as idades que excedem dois carros, ou oitenta anos.” (CASTELO BRANCO, 2019, p. 310).

Em *O Senhor do Paço de Ninães*, cuja ação se passa, em grande parte, na região minhota, o narrador elucida o significado do termo “texugueiro”, que

ouvimos numa fala de Vasco, criado de Rui Gomes de Azevedo, o protagonista: “— Fui em cata da cadela perdigueira, que fugiu para lá na matilha do capelão, quando ele atravessou a nossa devesa e quedou-se a caçar no nosso texugueiro.” (CASTELO BRANCO, 1987c, p. 210). “Assim — observa Camilo — se nomeia no Minho o agro lurado de tocas de coelhos e privativo dos senhores das matas.” (CASTELO BRANCO, 1987c, p. 210).

“— Não me digas isso segunda vez, que te *rejeito* esta broca à cabeça!” — ameaça Bento Pedreiro o filho, Joaquim, da novela do Minho *A Morgada de Romariz* (CASTELO BRANCO, 2019, p. 152). O autor comenta a semântica regionalista do verbo “rejeitar”, sublinhado a sua expressividade, nesta nota, temperada com o sal da ironia camiliana:

Em província nenhuma, salvante o Minho, ouvi ainda empregar este verbo *rejeitar* (de *rejicere*) como quem diz arremessar. Arma que fere de arremesso, em bom português, chamou-se antigamente *rejeito*. O povo usa o verbo que é excelente e onomatopaico. Os minhotos, que fizeram exame de bacharéis, e de instrução primária (o que é mais difícil), riem-se quando o gentio analfabeto diz: *rejeitou-lhe* uma pedra. (CASTELO BRANCO, 2019, p. 152).

Romancista do coração, cronista de paixões exacerbadas, narrador de amores impossíveis, é natural que ao espírito observador e analítico de Camilo não passem indiferentes certas expressões populares usadas no campo das relações amorosas. Assim é com o vocábulo “namorado”, empregado numa aceção regionalista, nesta fala de uma personagem feminina dos *Mistérios de Fafe*: “— Olhe, fidalgo, vou-lhe contar a minha vida. Eu tive o meu pecado. Quem os não tem?... Andava eu nos meus dezoito quando fui namorada.” (CASTELO BRANCO, 1987a, p. 583). E Camilo explica em rodapé num comentário desenvolvido a partir do *topos* romântico da oposição entre o campo e a cidade:

Ser *namorada* equivale a ser *mãe ilegítima*, frase aldeã e minhota que, se entrasse nos vocabulários das cidades, com a mesma significação, iria defraudar a já pobre fraseologia das donzelas e donzéis que se namoram licitamente no *Diário de Notícias* e noutras partes. (CASTELO BRANCO, 1987a, p. 583).

Comentário semelhante ocorre n’ *O Demónio do Ouro*:

Encontraram-se na sala de espera do palacete de Simões cinco raparigas, todas bem parecidas, mas da espécie de umas que o povo, por ignomínia, chama “namoradas”. Em grande parte do Minho, *namoradas* são as desacreditadas, as repulsas do rancho, das festas, da convivência das honestas, ou das que o parecem. (CASTELO BRANCO, 1987b, p. 507).

Ainda no domínio das relações amorosas, suscitam notas metalinguísticas as palavras “amiga” e “fêmea”. Quanto à primeira, a particularidade semântica do seu uso popular sai realçada pela dramatização do mal-entendido que gera no diálogo entre a velha Brites tecedeira e João Palhares, da narrativa “Segundo Comendador”, inserida nos *Serões de S. Miguel de Seide*:

– Morreu?

– Isso não lhe sei dizer a vossa senhoria. Aqui há coisa de 20 anos ainda era vivo; porque a irmã recebia do João uma mesada. Depois que a irmã foi dar contas a Deus, nunca mais ouvi falar dele. Quer morresse, quer não, rezo-lhe por alma todos os dias.

– Vê-se que foi amiga dele.

– *Amiga* não, senhor! – acudiu a velha com energia.

Brites – explica o narrador – dera à palavra *amiga* uma interpretação sinónima de *amázia*, porque na rusticidade aldeã das províncias do norte não se compreende a amiga em outro sentido. O comendador recordou-se então do dialecto da sua terra e emendou:

– *Amiga*, quero dizer *afeiçoada*... Se sentia por esse rapaz sentimentos honestos e virtuosos, perguntava eu. (CASTELO BRANCO, 1993, p. 952-953).

A semântica dialetal do vocábulo “fêmea” é registada na reprodução, em discurso indireto, da fala de uma personagem de *O Filho Natural*:

A mulher do feitor, que havia sido criada da fidalga, mãe de Vasco, senhora histórica, disse que conhecia aquela doença que atacava a sua ama, quando se afligia com o fidalgo por causa das fêmeas. (Em Basto – permitam o parêntesis – as mulheres que motivam desmaios nas damas casadas chamam-se *fêmeas*. Parece que a intenção é aviltá-las à baixa condição das espécies em que há machos.) (CASTELO BRANCO, 2019, p. 214).

No *Eusébio Macário*, cuja diegese é situada na mesma região, Camilo relaciona com Felícia o uso especial do mesmo vocábulo: “Daí por diante Felícia quando ia a um cerco, romaria ou festa de igreja longe, o povo apontando para ela, dizia: ‘aquela é a fêmea do padre que matou o lobo’” (CASTELO BRANCO, 1988a, p. 482). Em nota de rodapé, explica o regionalismo, explicitando a distinção entre “fêmea” e “patroa”: “Em Terras de Barroso e nas limítrofes, a mulher em mancebia é uma *fêmea*; reduzem-na às condições mais fisiologicamente animais que podem. A casada não é fêmea, nem mulher; é a *patroa*. ‘A minha patroa’, diz o marido.” (CASTELO BRANCO, 1988a, p. 482).

Não se julgue, porém, face às fontes donde foram maioritariamente colhidos os exemplos apresentados, que só tardiamente na obra de Camilo começa a evidenciar-se esta tendência para a anotação filológica, metalinguística, da linguagem rústica. A provar o contrário estão os exemplos que nos oferecem

as primeiras obras de ficção produzidas pelo Autor, como *Anátema* (1851), onde, numa fala da tia Benta do João, lemos a palavra “coadinha”: “— Está tão coadinha! — dizia a velha, beijando-lhe a mão com fervoroso respeito — benza-a Deus, que tão casadoira está, por muitos anos e bons.” (CASTELO BRANCO, 1982, p. 126). O termo “coadinha” suscita esta nota de Camilo:

Não consultamos Bluteau sobre a genuína significação do adjectivo *coadinha*. É uma palavra que nos retrata a fisionomia de D. Inês. As faces pálidas, languentes, e amortecidas, chamam-se *coadas* na linguagem do povo das aldeias do norte. A expressão é tão difícil de dissecar-se por derivação, como é problemático o colorido de Miguel Ângelo. (CASTELO BRANCO, 1982, p. 126).

E nos *Mistérios de Lisboa* (1854), topamos com um regionalismo usado na caracterização de uma personagem do povo:

O hóspede sentou-se no melhor lugar, que era ao pé do avô paterno do senhor capitão. Este velho realmente tinha no rosto sulcado o que naquelas terras se chama *musgo*.

— Que anos tem este seu avô? — perguntou Sebastião de Melo.

— Noventa e dois, feitos pelas bessadas, para o servir.

(CASTELO BRANCO, 1982, p. 584).

Note-se, todavia, que neste último exemplo, a palavra “musgo” ocorre não integrada no discurso da personagem, mas no discurso do narrador, que sublinhou tipograficamente o seu emprego especial através do itálico e da referência ao seu valor dialetal, com a expressão “naquelas terras”.

E numerosos são também estes casos de absorção no discurso do narrador de vocábulos ou expressões populares, comprovando uma aproximação valorativa à linguagem do povo. Camilo não reproduz nos diálogos particularidades plebeístas e regionalistas com sincera admiração pelo seu pitoresco e genuinidade, aliás já evidenciada em algumas das anotações citadas, integrando no seu estilo esses vocábulos, alguns dos quais ganharam, por esse meio, direito de registo lexicográfico, locupletando, por exemplo, o dicionário de Cândido de Figueiredo (LEÃO, 1922, p. 5). Caso diferente são os solecismos e outros vícios de linguagem com que caricatura a boçalidade dos burgueses do Porto ou dos provincianos do norte.

Voltando a *O Bem e o Mal*, um desses termos populares integrados no discurso do narrador, como que em simbiose com o universo das personagens, salta-nos à vista, no momento em que é introduzida na história a inevitável tia Brásia:

“Entraram no quinteiro da casa de Vila Cova.

À porta da corte dos cevados estava uma mulher octogenária, com uma varinha na mão, acomodando os recos, que brigavam em redor da pia.” (CASTELO BRANCO, 1985, p. 28).

A palavra “recos”, incorporada com naturalidade no discurso do narrador, merece a Camilo a seguinte anotação:

O leitor provavelmente não encontra no seu “Dicionário” o termo *reco*. O povo de Trás-os-Montes e de porção da Beira Alta dá aquele nome, cuja etimologia ignoro, aos cevados. Eu leio muito pelo dicionário inédito do povo daquelas províncias, que sabe a língua portuguesa como fr. Luís de Sousa. (CASTELO BRANCO, 1985, p. 28).

Numa das narrativas incluídas em *Noites de Insónia*, a dado passo, informa o narrador que “todo aquele gentio *boloirou* para casa.”. À forma verbal “boloirou”, cujo carácter regionalista é sublinhado pelo itálico, apõe o autor esta nota em rodapé: “Não se procure *boloiar* nos dicionários, enquanto os dicionaristas ignorarem a linguagem popular do clássico povo do Minho e Trás-os-Montes. Lá, fazer rolar uma bola, é *boloiar*.” (CASTELO BRANCO, 1991, p. 757).

Nota semelhante, baseada na oposição entre a linguagem viva do povo e os dicionários, é a que nos depara uma passagem de *A Bruxa de Monte Córdova*, quando o narrador emprega o verbo “apresigar”:

Este almejado tio, no dizer do cunhado, media o dinheiro aos alqueires, tinha três navios e duzentos pretos. Em prova do quê, havia já mandado à sobrinha um caixão de caju, pitanga e goiabada, gulosinas que os velhos apresigavam com broa, pesarosos, ao que parecia, de não poderem apresigar também um papagaio e um sagui, bichos que distraíam Angélica do trabalho. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 1226-1227).

“Creio” — comenta Camilo em rodapé — “que o termo *apresigar* não corre autorizado pelos dicionaristas portugueses. *Apresigo*, nas províncias do norte, diz o mesmo que *conduto*. É boa palavra, porque tem a chancela do mais clássico povo de Portugal.” (CASTELO BRANCO, 1986, p. 1227).

O adjetivo “reiunas”, usado pelo narrador na expressão “um par de pistolas reiunas”, aplicado num lanço da novela *O Degredado*, desencadeia mais uma destas notas lexicais:

Os dicionários decerto desconhecem o adjetivo reiunas. Nas províncias do norte espingarda ou pistola reiuna são as dadas pelo rei à infantaria ou cavalaria. Agora, depois que por um milagre de esforço e contenção de espírito se descobriu que não é o rei, mas sim o povo

que paga as armas com que a linha vertical do mesmo povo se mantém entre a ponta da baioneta e a parede, as armas não são reiunas, são do Estado. (CASTELO BRANCO, 2019, p. 331).

Num passo da narrativa autobiográfica que serve de prefácio ao livro de poesia *Ao Anoitecer da Vida*, o narrador emprega o plebeísmo “chulas”:

Por esse tempo (1842) fui eu a uma romaria da Senhora aparecida, duas léguas ao sul da mesma serra, na quebrada doutra serra da mesma cordilheira. Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista, que era o mais atrevido imaginador de fantasias chulas. (CASTELO BRANCO, 1989, p. 758).

Logo a seguir, comenta em mais uma destas anotações lexicais e etnográficas: “‘Chulas’ chamam lá ao complexo do instrumental que forma o essencial de tais festanças. Em outras partes da província dizem ‘ronda’, e ‘estúrdia’ noutras.” (CASTELO BRANCO, 1989, p. 758). Estas páginas, como muitas outras que se poderiam evocar, expressam, pois, uma sincera admiração de Camilo pela linguagem popular, implícita nas várias marcas que deixou no seu estilo, não só a nível do vocabulário senão também a nível das construções sintáticas, particularmente na colocação dos pronomes, como o demonstrou o insigne filólogo Cláudio Basto, a quem se deve um dos primeiros e poucos estudos exclusivamente dedicados à linguagem de Camilo (BASTO, 1927). E não precisamos de deixar *O Bem e o Mal*, se quisermos aumentar a lista apresentada por Cláudio Basto. Aqui, lemos, por exemplo: “Uma grande parte do clero, que pastoreia almas, pode bem ser que me não aceite a verosimilhança deste caldo de couves.” (CASTELO BRANCO, 1985, p. 17).

Tal construção é tão popular como clássica, assim como a inversão da ordem direta, com a deslocação do sujeito para depois do verbo, considerada pelos gramáticos como genuinamente portuguesa, e que sobressai neste lanço de *O Bem e o Mal*, cheio de sabor clássico:

Vivia o mocinho entre seus tios; não conhecia rapaz de sua idade com que entretivesse as horas feriadadas, ou conversasse em matéria de estudo. Mui naturalmente lhe pendeu o ânimo a umas tristezas que nem viço e contentamento de primeiros anos podiam desassombrar. (CASTELO BRANCO, 1985, p. 12).

Esta identificação entre o clássico e o popular, que vimos Camilo defender em alguns dos passos citados (“Eu leio muito pelo dicionário inédito do povo daquelas províncias, que sabe a língua portuguesa como fr. Luís de Sousa.”), constituiu um dos tópicos fundamentais, um dos lugares-comuns dos estudos linguísticos e gramaticais, de tendência marcadamente normativista, ao longo do século XIX, e uma ideia-chave da crítica literária, de cariz filológico, que por essa

época predominava e que o próprio Camilo frequentemente exemplificou na sua faceta de crítico literário e de polemista. Comprova-o João de Deus quando afirma: “sejam quais forem os clássicos duma língua, há sempre um clássico soberano — o povo.” (Apud VENÂNCIO, 1998, p. 113). Corrobora-o também António Feliciano de Castilho, ao escrever: “O português dos séculos XVI e XVII, que é o português já maduro e sucoso e ainda não eivado nem corrupto, [...] anda vivo [...], mais do que em todo outro sítio, na imensa povoação das aldeias, campos, praias e serras.” E José Feliciano de Castilho afina pelo mesmo diapasão, chamando às mulheres idosas do povo, como a nossa Brásia, “preciosos e mal encadernados tesouros de expressões, frases, galas e jóias do dizer” (NORONHA, 1868, p. 323).

Por conseguinte, na raiz desta estima de Camilo pela linguagem do povo está uma motivação epocal, fundada na ideia de que o falar rústico representava uma reserva de autenticidade da língua portuguesa, partilhada com os autores clássicos, que os paladinos da linguagem vernácula usavam como escudo contra as tendências degenerativas do idioma, imputadas, sobretudo, à influência francesa. Um dos louvores principais de Castilho à obra de Camilo tem justamente essa base:

Este escritor, o primeiro e mais fecundo dos nossos romancistas, e, felizmente, o mais popular de todos eles, é (de certo me permitem dizê-lo) o que mais real e incontestavelmente vai levantando com o seu admirável engenho um dique, não sei se tardio, se não (oxalá que o não seja), à torrente invasora e fatal do estrangeirismo no falar; é o Filinto dos nossos dias, mas um Filinto expurgado de arcaísmos bárbaros, de latinismos descabidos, de hipérbatos escuros e repugnantes, um Filinto de gosto apurado, um Filinto de todo o ponto aceitável para modelo. (CASTILHO, 1863, p. 42-43).

Demais a mais, o interesse pela cultura popular, linguagem, costumes, tradições, a sua defesa e valorização como redutos de autenticidade e garantias de preservação da identidade nacional, foi uma das características mais importantes do Romantismo, o clima espiritual em que se formou o autor das *Novelas do Minho*. Não admira, portanto, que em algumas daquelas anotações metalinguísticas de Camilo se combine a vertente filológica com a vertente etnográfica, que o lexicógrafo se alie ao etnógrafo, na descrição de usos, costumes e linguagem das gentes do campo, por oposição, como vimos, ao artificialismo, ao convencionalismo das cidades, permeáveis a todas as influências estrangeiras. É de notar, aliás, que, sendo frequente em Camilo uma visão disfemística, antibucólica e antirromântica da vida campestre, sobretudo das gentes do Minho, como bem se patenteia na dedicatória da novela *O Comendador* a D. António da Costa, em se tratando, porém, de usos linguísticos, o nosso autor expende sempre comentários apreciativos, explicitando uma admiração que implicitamente

revela na forma como incorporou no seu estilo vocábulos, expressões e construções linguísticas de sabor popular. Castilho, no seguimento do texto há pouco citado, sublinha essa ideia:

[...] o sr. Camilo explora igualmente o falar vivo do Povo, e em particular o do povo provinciano, grandes repositórios de nativos dizeres gentilíssimos, desconhecidos, desprezados, escarnecidos, talvez, destes melindrosos e enfasiados, que só se querem com as conversações dos teatros e praças das grandes cidades. (CASTILHO, 1863, p. 42-43).

E não é por acaso que António Feliciano de Castilho se alce a arauto-mor deste elogio do casticismo da linguagem popular. É que, como é sabido, essa foi uma das armas de arremesso da velha geração romântica contra os apóstolos do realismo na literatura portuguesa, censurados por cultivarem, por influência francesa, uma linguagem degenerada e um estilo sem vigor.

Num passo célebre de *Vinte Horas de Liteira*, Camilo faz a apologia do ambiente inspirador das aldeias do norte, em que viveu a infância e adolescência, e onde bebeu a pura, natural e autêntica linguagem, imune aos modismos e às convenções afetadas da linguagem literária:

Quando quero retemperar a imaginação gasta vou caldeá-la à incude do viver campesino. Avoco lembranças da minha infância e adolescência, passadas na aldeia, e até a linguagem me sai de outro feitio, singela sem afectação, casquilha sem os requebrados volteios, que lhe dão os invezados estilistas bucólicos. (CASTELO BRANCO, 1985, p. 1024).

Na sua formação humana e literária, Camilo realizou, efetivamente, a síntese entre o clássico e o popular. Se os clássicos dos séculos XV e XVI foram a base da formação literária de Camilo, que desde tenra idade os compulsou com mão diurna e noturna, iniciado pelo padre António de Azevedo, a quem dedicou precisamente *O Bem e o Mal*, o povo das províncias do norte, o “mais clássico povo de Portugal” como ele diz, foi seu mestre, desde que, aos dez anos de idade, foi obrigado a transferir-se de Lisboa para Vila Real e quando, mais tarde, se fixou em S. Miguel de Seide.

A índole observadora e perscrutadora de Camilo, a sua inclinação para esquadriñar minudências históricas e filológicas, a sua sensibilidade linguística fizeram com que devotasse especial atenção às particularidades da linguagem rústica, que soube magistralmente captar, quer utilizando-a com propriedade na construção das suas personagens populares, contribuindo para a cor local dos ambientes rurais que vivamente retratou na maior parte das suas narrativas, quer assimilando-a no seu estilo pessoal, que assim ganhou em variedade, riqueza, casticismo.

Ora, essa tendência observadora, este interesse pela linguagem popular surge amiúde dramatizada, num registo autorreflexivo, em textos narrativos de carácter autobiográfico ou autoficcional, como este saboroso passo do conto “História de uma Porta”, incluído no volume *Noites de Lamego*, onde o narrador, que se figura como o Camilo adolescente, em deambulação pela região transmontana, regista um diálogo com um pegureiro, diálogo cuja citação não é motivada pela funcionalidade narrativa, mas apenas pelo gosto de mostrar, de dar a ouvir o pitoresco da fala popular:

– Quem me dará agasalho nesta povoação? – perguntei ao pegureiro informador.

– Quem quer lhe dá agasalho.

– Mas onde hei de ir bater?

– Vá vossemecê por esse quinchoso abaixo; lá ao todo fundo carregue à sua esquerda, e salte um portelo que não tem que errar. Vossemecê vai rebentar mesmo à porta do tio João Barroso.

– Rebentar?! – articulei eu, assustado da profecia.

– Sim, à porta do tio João Barroso, que é o lavrador maior da freguesia.

Rebentar, felizmente, era sinónimo de sair ou chegar. (CASTELO BRANCO, 1991, p. 1019-1020).

Ficou célebre a forma como Eça de Queirós caricaturou, naquela carta a Camilo, deixada na gaveta e publicada postumamente, a imagem que do mestre de Seide teria passado para a geração mais nova: “um intolerável caturra, de capote de frade, debruçado sobre um sebento Lexicon, a respigar termos obsoletos para com eles apedrejar todos os seus conterrâneos!” (QUEIROZ, 1937, p. 377). Não é que seja totalmente injusta a imagem: sente-se em Camilo muitas vezes o gosto pelo termo “obsoleto”, invulgar, que exibia com alarde, principalmente na arena do combate polémico. Mas não foi propriamente nos dicionários que Camilo hauriu a opulência do seu vocabulário: seria porventura mais justo pintar Camilo debruçado sobre os clássicos portugueses de quinhentos e de seiscentos ou com o ouvido colado à boca do povo do norte, para, cavando fundo nesses mananciais, descobrir riquezas inexploradas que depois, como já assinalámos, os lexicógrafos aproveitavam. Cláudio Basto sintetiza: “Foi com a assimilação inteligente do escrever dos clássicos e do falar do povo do norte — destrição nem sempre fácil —, que sobretudo se organizou a linguagem de Camilo, bem sua, bem pessoal.” (BASTO, 1927, p. 87).

Com efeito, revitalizando a língua dos clássicos portugueses e nobilitando o linguajar do povo, o nosso autor forjou um estilo seu, vigoroso mas dúctil, apto a expressar com variedade e profundidade os matizes da alma humana, sombras e luz, lágrimas e risos, bem e mal; um estilo por vezes retórico, muitas vezes natural e pitoresco, mas sempre riquíssimo e vernáculo.

A *auctoritas* literária de Camilo funda-se, em grande parte, nessa *auctoritas* linguística, no modo exímio como manejava o idioma, como bem reflete este testemunho de Monteiro Lobato, entre muitos de profunda admiração pelo romancista de Seide, que atravessam as cartas reunidas em *A Barca de Gleyre*:

O mérito de Camilo está em que nos ensina todas as acrobacias da língua, e nos mostra todas as “bravuras” e ainda nos diverte. Quando se põe a troçar é enorme! Quando vira palhaço e vai descambando para o reles, sai-se com um disparate de gênio e salva tudo... Em matéria de diálogos de gente do povo, não sei de nada igual. (LOBATO, 1957, p. 65).

Reduzir o mérito da obra literária de Camilo ao estereótipo da riqueza vocabular, facto que Eça, aliás, criticou na carta citada, é, como qualquer estereótipo, redutor e sobremaneira injusto no caso do autor de *Amor de Perdição*, dono de uma obra a vários títulos notável, variada, rica e por múltiplas razões merecedora do lugar que ocupa no cânone. Ademais, trata-se de um autor com elevada autoconsciência literária e linguística, bem patente nos comentários metaliterários e metalinguísticos que, a cada passo, afloram nos seus textos; um autor que tanto se deixa arrastar pelas convenções linguísticas e literárias, como delas se distancia ironicamente, destruindo os mesmos rótulos com que os críticos e os historiadores literários muitas vezes o encerram.

Mas não há como negar, entre muitos outros méritos, esse de a obra de Camilo constituir um alto valor patrimonial linguístico, que é apenas um dos muitos motivos para manter o seu estatuto de autor canónico e ver preservado o seu lugar nos programas escolares de Português. Como defende Telmo Verdelho, “a sua obra deve ser recebida como um acontecimento extremamente relevante na tessitura patrimonial da língua, e não pode deixar de ser lido na instância escolar, sobretudo como fonte da memória lexical.” (VERDELHO, 1994, p. 325).

Referências

BASTO, Cláudio. *A Linguagem de Camilo*. Porto: Maranus, 1927.

CASTELO BRANCO, Camilo. *A Bruxa de Monte Córdova*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986. vol. V, p. 1220-1390.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Ao Anoitecer da Vida*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1989. vol. X, p. 753-852.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Anátema*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1982. vol. I, p. 1-281.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Eusébio Macário*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1988a. vol. VIII, p. 455-553.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Mistérios de Fafe*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987a. vol. VI, p. 503-693.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Mistérios de Lisboa*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1982. vol. I, p. 289-928.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Noites de Insónia*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991. vol. XIV, p. 667-1445.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Noites de Lamego*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991. vol. XIII, p. 893-1063.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Novelas do Minho*. Fixação de texto de Sérgio Guimarães de Sousa e João Paulo Braga. Lisboa: Glaciar, 2019.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O Bem e o Mal*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1985. vol. IV, p. 1-175.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O Demónio do Ouro*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987b. vol. VII, p. 325-616.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O Lobisomem*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1988b. vol. IX, p. 551-629.

CASTELO BRANCO, Camilo. *O Senhor do Paço de Ninães*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987c. vol. VI, p. 171-330.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Serões de S. Miguel de Seide*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1993. vol. XV, p. 939-1150.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Vinte Horas de Liteira*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Porto: Lello & Irmão Editores, 1985. vol. IV, p. 987-1159.

CASTILHO, António Feliciano de. *Camões. Estudo historico-poetico liberrimamente fundado sobre um drama francez dos Senhores Victor Perrot e Armand du Mesnil*. 2ª ed. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1863. tomo II.

CASTILHO, António Feliciano de. *Lingua Portugueza, Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, n. 38, p. 449, 1842.

COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

LEÃO, António da Costa. *Camilo e o Povo Fora dos Dicionários (Subsídios para o léxico português)*. Lisboa: Tip da Empresa Diário de Notícias, 1922.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 8ª ed. S. Paulo: Editora Brasiliense, 1957. 2º tomo.

NORONHA, José Feliciano de Castilho Barreto e. *Despedida do colector aos meninos estudiosos*. In: *Iris Classico coordenado e offerecido aos mestres e aos alumnos das escholas brasileiras por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1868, p. 321-331.

QUEIROZ, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Porto: Livraria Chardron, 1901.

QUEIROZ, Eça de. *Últimas Páginas*. 6ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Editores, 1937.

VENÂNCIO, Fernando. *Estilo e Preconceito. A língua literária em Portugal na época de Castilho*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

VERDELHO, Telmo. Camilo e a tradição vernacular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CAMILIANOS, 1991. *Actas*. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, 1994, p. 301-325.